

# BAND OF ANGELS / 1957

*A Escrava*

um filme de Raoul Walsh

**Realização:** Raoul Walsh / **Argumento:** John Twist, Ivan Goff, Ben Roberts, baseado no romance homónimo de Robert Penn Warren / **Fotografia:** Lucien Ballard / **Direcção Artística:** Franz Bachelin e William Wallace / **Música:** Max Steiner / **Montagem:** Folmar Blangsted / **Interpretação:** Clark Gable (Hamish Bond), Yvonne De Carlo (Amantha Starr), Sidney Poitier (Rau-Ru), Efrem Zimbalist Jr. (Ethan Sears), Patric Knowles (Charles de Marigny), Rex Reason (Seth Parton), Torin Thatcher (Capitão Canavan), Andrea King (Miss Idell), Ray Teal (Calloway), Russ Evans, Carole Drake, Raymond Bailey, Tommie Moore, William Forrest, Noreen Corcoram.

**Produção:** Warner Brothers / **Cópia:** 35mm, Warnercolor, legendada em castelhano e eletronicamente em português, 127 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 5 de Julho de 1957 / **Estreia em Portugal:** Monumental, 18 de Março de 1958

## A sessão tem lugar na Esplanada 39 Degraus

---

**Band of Angels** baseia-se num romance de Robert Penn Warren, escritor a que alguns críticos americanos dão a estatura de Faulkner. Dizem-nos que "*Warren partilha com Faulkner essa nostalgia que trai um sentimento de culpabilidade*" e que na sua obra "*o problema negro se apresenta menos no seu aspecto social, do que na dimensão metafísica: a escravatura é o pecado do Sul.*" "*É preciso tentar contar o passado do homem em função do seu futuro*". Demonsablou, que cita esta frase de Faulkner, aplica-a igualmente ao universo de Warren, ao seu lirismo e à sua nostalgia.

Não conhecendo a obra de Warren não me posso pronunciar em conhecimentos de causa. Mas é evidente que **Band of Angels** parte dum universo romanesco assaz elaborado e que, de certo modo, e para usar outra comparação literária, estamos de novo num mundo "*onde tudo o vento levou*". A escolha de Clark Gable, quase vinte anos depois do seu famoso Red Butler, não é certamente inocente, conferindo ainda maior dimensão nostálgica a este filme sobre um mundo em decomposição, realizado no próprio momento em que os mitos de Hollywood (de Raoul Walsh a Clark Gable) se começavam também a decompor (e foi o último filme de Gable com Walsh).

Passara o tempo das grandes gestas, passara o tempo de Gable, passara o tempo das crenças directas de 1939. Revisitando o Sul da Guerra da Secessão, Walsh transporta esses muitos fantasmas atrás de si: nostalgia de Hollywood que produzira filmes como o **Gone** ou o seu **They Died With Their Boots On**, nostalgia de um certo tipo de *stars* (homens e mulheres) de que Clark Gable e Yvonne De Carlo eram os últimos representantes.

E, curiosamente, o resultado parece-nos levar a outro universo fílmico e romanesco, aparentemente situado nos antípodas de Walsh. Se há filme que **Band of Angels** nos traga à

memória é o **Il Gattopardo** de Visconti (e não salvaguardo proporções), com a mesma partilha no protagonista de lucidez e saudade, com semelhante atitude face à velhice, ao amor e à morte, e envolto em aproximáveis festas e faustos. A fabulosa sequência do incêndio da propriedade de Gable, ou o seu regresso a casa, como a lendária bebedeira, relevam duma semelhante apreensão física do fim, também espelhada no reencontro de Gable com Poitier no *band of angels* ou no baile do fim da guerra.

**Band of Angels** articula-se poderosamente em torno do tema da passagem dum mundo ao outro, com Gable servindo de sinal de transição. Muita coisa se passou no filme, antes da sua aparição e coisas tão bonitas como a infância de Yvonne De Carlo, o plano dos morangos, o segredo da escrava e a revelação da sua identidade. Passamos à fabulosa iluminação da sequência da venda de Yvonne De Carlo. Com a câmara fixa sobre ela e o leiloeiro, ouvimos em *off* "*five thousand dollars*" e, antes mesmo de o vermos, sabemos que o *King* entrou. E poucas entradas terão sido assim preparadas e assim encenadas. Depois, é o actor, com a bengala e o charuto e o "*come on, baby*", fetiche duma personagem que era já o seu arquétipo.

Em torno dela e em todas as sequências que precedem a guerra (naquela fabulosa casa) se desenvolve um universo que tanto lembra o de certos romances ou contos célebres (De Carlo como "A Pequena Princesa" ou "A Gata Borracheira"). De Carlo é tanto a prisioneira à espera que a salvem, como a mulher à espera do homem, é tanto o apelo à redenção como o apelo à abjecção. Com o seu personagem contrapolar nessa magnífica secundária (protagonista de histórias antigas e passadas) que em silêncio percebe tudo e vai preparando a nova noite para o seu senhor. A sequência da noite em que "a escrava" espera o senhor que não vem (um plano genial dá toda a intensidade do seu medo e do seu desejo) prepara a outra sequência genial da entrega, quando as janelas se abrem e a trovoadas, a chuva e o vento preenchem o espaço da máxima tensão física. Entre as duas sequências houve a "paramentação" de De Carlo, para que pudesse ser recebida e violada assim, nesse momento de cinema perante o qual todos os adjectivos se esgotam.

Nessa sequência termina o primeiro "capítulo" de **Band of Angels**. A seguir à tempestade, a luz do dia traz a libertação dos escravos e o começo do declínio de Gable. Vestida de verde, de chapéu cor de rosa, ela ouvirá Gable dizer-lhe: "*Forget everything. Forget me*". Mas a "escrava" irá continuar a seguir o senhor, estabelecendo-se daí para diante a oposição entre ela e Poitier (que explodiu, depois, na sequência em que este, no lugar de Gable, se prepara para a receber como mulher, com a "luz e o escuro à volta dela"). A dimensão colectiva (a guerra, os grandes espaços) vão surgir em primeiro plano, com a história de Gable e De Carlo como episódio da mutação histórica que incendeia os campos e varre os antigos privilégios. **Band of Angels** ganha então a dimensão de grande fresco histórico, essa dimensão "viscontiana" na dialéctica entre o movimento envolvente e a paixão dos protagonistas.

Até que, depois da errância pela cidade, do reencontro com o homem que primeiro a traíra e da citada sequência chave com Poitier, "o leopardo" regressa para partir, naquele incrível *décor* do bar e da noite, que liga Gable ao seu próprio passado de traficante de escravos e à misteriosa visita que no início recebera, antes da trovoadas e do seu beijo abrir todas as portas e janelas.

Filme dum só fôlego, construído em torno desse sopro, da terra, do *décor*, do mito do homem e do homem como mito, **Band of Angels** é um dos grandes "filmes romance" que a memória recupera, através do cinema.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico